

# SAÚDE EM CASA

Cristine Gentil  
Da equipe do Correio

São 11h de uma quinta-feira. O médico Antônio Leopoldo Magalhães, 45 anos, prepara-se para mais um dia de visitas em São Sebastião. O primeiro passo é vestir o jaleco verde-água, uniforme do programa Saúde em Casa. Com ele, o doutor assume as duas faces do projeto que se tornou o novo xodó do Palácio do Buriti. Quando entra na casa do paciente, ele é o médico

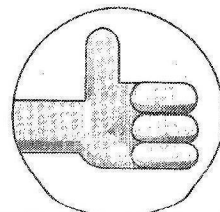
de família, aquela figura cordial que não leva apenas saúde. Leva um sorriso no rosto, conforto e apoio. Quando sai, deixa a marca do governo popular e democrático, um logotipo gravado em letras vermelhas nas costas de sua roupa de trabalho e na memória de mais de um milhão de pessoas. Com quase um ano de sobrevivência, o programa Saúde em Casa conquistou simpatizantes e adversários. Eficaz e revolucionário para uns; lento, caro e eleitoreiro para outros. Nesta sexta-feira o programa ultrapassa a marca de um milhão de pessoas atendidas.

Aproveitando a data do aniversário de Ceilândia — cidade que ganha neste dia outras 48 equipes — será feita uma grande festa. Para o governo, é hora de comemorar. “No momento, esse é o principal programa do governo. Mexe com o cotidiano da população, interfere diretamente na sua vida, muda o conceito de saúde e faz a população reconhecer nosso trabalho”, resume a secretária de Saúde, Maria José Maninha. “Eles estão usando esse programa de forma eleitoreira”, rebate o deputado Peniel Pacheco (PSDB).

Fotos: Glaucio Dettmar 12/3/98



- ✓ Implantado em **14 cidades** do Distrito Federal
- ✓ **1.000.000** de atendimentos no ano passado
- ✓ População atendida até abril/98: **1.283.893**
- ✓ Custo para 1998: **77.033.880**
- ✓ Cada paciente do Saúde em Casa custa **R\$ 60 por ano** ao governo
- ✓ Existem hoje **190 equipes** de médicos, enfermeiros e agentes de saúde. Até abril, serão 284
- ✓ Um médico do Saúde em Casa ganha **R\$ 4 mil**. O salário inicial da Fundação Hospitalar para médicos é **R\$ 1,3 mil**



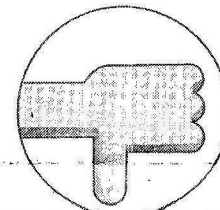
## ELOGIOS

O casal Valdete Rodrigues Pereira, 22 anos, e João Elcio dos Santos, 28 anos, moradores da zona rural de São Sebastião, não se cansa de elogiar o programa. “Não se compara ao esforço de pegar ônibus, chegar ao hospital, enfrentar fila. O médico conhece a minha realidade, sabe dos meus problemas. É bom demais”, diz João Elcio. Desse jeito, emocionado, é que o pai de Vinícius, de apenas um mês, agradece a atenção dispensada à sua família pela equipe do Saúde em Casa desde o nascimento do bebê.

Graças ao médico Antônio Leopoldo Magalhães, 45 anos, o chefe da equipe número 8 de São Sebastião, Vinícius continua sendo amamentado pela mãe. Uma fissura do bico do peito torna o prazer de alimentar o filho uma tortura vivida a cada hora do dia. Valdete chora enquanto amamenta Vinícius que, inocente, não dá trêgua para o sofrimento da mãe. Desde que o problema apareceu, a equipe visita a família quase diariamente.

Em São Sebastião, dez equipes atendem 47 mil pessoas. A equipe do médico Antônio Leopoldo cuida de 2.545 delas. Desse universo, um dado espanta: 5% das mulheres entre 10 e 24 anos estão grávidas. Viviane Souza Ribeiro, 15 anos, é uma delas. Há duas semanas, ela aguardava para qualquer momento o nascimento do bebê, enquanto fazia de casa o pré-natal. “É muito mais prático. Deixa a gente mais tranqüila”, diz Viviane.

“Nesse trabalho, fazemos um esforço para não ser assistencialista. A médio e longo prazos, teremos um resultado mais palpável. Estou convencido de que essa é a solução para a saúde pública no Brasil”, diz o médico.



## CRÍTICAS

A poucos metros de um dos postos do Saúde em Casa em Samambaia, na QR 501, Maria das Dores Silva, 42 anos, vive com dificuldade para cuidar da filha deficiente Ester Silva Santos, 17 anos.

Há três semanas, Ester, que sofre de paralisia cerebral, engoliu um anel. Maria das Dores empurrou o carrinho da filha até o posto do Saúde em Casa. Imediatamente, os funcionários do posto a encaminharam para o Hospital Regional de Taguatinga (HRT) para fazer um raio X e descobrir onde havia se alojado o anel. Mas o papel de encaminhamento não foi suficiente para garantir o atendimento de Ester.

“Não consegui chegar ao hospital. Não tenho condições de pegar ônibus com ela, o carro do meu vizinho estava quebrado e os bombeiros não puderam vir nos socorrer. Vou ter que esperar o anel sair naturalmente”, resigna-se Maria das Dores. “Não quero falar mal de ninguém daqui, mas o papelzinho que eles dão não resolve absolutamente nada. O pessoal do Saúde em Casa é ótimo, mas não resolve os problemas de emergência”, explica Maria das Dores.

Vizinha do posto da QNO 17, Francisca Ricardo de Souza Campos, 44 anos, queria resultados mais imediatos. “É um trabalho muito devagar, de resultados muito lentos. Para tirar a pressão tem dia marcado, para uma consulta esperamos até três dias. É mais prático levar no hospital”, reclama.

Os casos de Maria das Dores e Francisca ilustram a frustração de muita gente que passou a ter como vizinho um posto do Saúde em Casa. Eles acham difícil aceitar a idéia de que não serão necessariamente atendidos quando precisarem, mesmo tendo um médico ao lado de casa.

Para o coordenador do programa, Antônio Alves, esta mentalidade precisa mudar para o programa dar certo. “O sistema tradicional de saúde é centrado na figura do médico. É um problema cultural. A lógica do sistema antigo é assim: saúde só é feita em hospital, apenas pelo médico, e com médico receitando”, explica.